

“VIDA DE INSETO: UMA LEITURA INSTITUCIONAL”

AUTORES: ANA OFÉLIA BRIGNOL PACHECO SILVA; ENEIDA VON ECKHARDT; JAIME VIEIRA LOCATELLI; TÂNIA MARA ALVES PRATES

INSTITUIÇÃO DE VÍNCULO DOS AUTORES: ANÁLISE AÇÕES EM SAÚDE E NO TRABALHO S/S LTDA.

RESUMO:

O filme oferece uma metáfora propícia para análise de equipes de trabalho, relações de poder e saídas criativas que os sujeitos e grupos precisam desenvolver, especialmente em situação de conflito e angústia. Indica, também, como mudanças em paradigmas culturais são oportunas para evidenciar o real potencial de equipes; como o reconhecimento de colaboradores é a verdadeira motivação e desejo que os impulsionam ao trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: EMPRESA, LIDERANÇA, ANÁLISE INSTITUCIONAL, EQUIPE, RELAÇÕES DE TRABALHO, RELAÇÕES DE PODER, CONSERVA CULTURAL, MOTIVAÇÃO, RELAÇÕES DE PODER, TIPOS DE LIDERANÇA,

ABSTRACT:

The movie offers a providing metaphor to analysis of team-work, powery relations and creative outlets that the subjects and groups need to develop, especially in conflict situation and anguish. It indicates, too, as changes in cultural paradigms are opportunes to evident the real potential of teams, as recognition of employees is the true motivation and desire that urge him to work.

KEYWORDS: ORGANIZATION, EMPOWERMENT, LEADERSHIP, MODELING WORK, TIPS FOR LEADERSHIP, INSTITUTIONAL ANALYSIS, SOCIONOMICS, TEAM-WORK, POWERY RELATIONS, PRESERVE CULTURAL, MOTIVATION

1. INTRODUÇÃO

O filme “Vida de Inseto” é uma produção dos estúdios Walt Disney / Pixar, disponível em VHS e DVD. Ele relata a vida de um formigueiro, oprimido por uma gangue de gafanhotos. Não é apenas uma história infantil, mas, principalmente, uma metáfora ao funcionamento institucional de muitas equipes e organizações de trabalho. Esta visão é indispensável para a compreensão deste artigo.

É um desenho digitalizado, muito bem construído que se utiliza da música e da cor com muita propriedade para emocionar e motivar o espectador. A trama circula em torno de três grupos : o formigueiro, os gafanhotos e uma equipe de artistas de circo.

Os principais personagens são:

- Flik: uma formiga altruísta, inventora e criativa que não se deixa submeter aos paradigmas criados por uma ideologia de dominação. Apresenta uma espontaneidade e um inconsciente à flor da pele, mas como todo sujeito, tem seu limite e também sofre, apaixonando-se e produz sintomas.
- Atta: sucessora do trono real que terá, ao longo da história, que encontrar seu caminho, lidar com seu desejo e criar seu próprio estilo de liderança.
- Dot: irmã caçula de Atta, identifica-se com Flik e em sua infância e espontaneidade revela características de uma nova geração no formigueiro.
- Hopper: chefe de uma gangue de gafanhotos que oprime e domina o formigueiro através de uma inculcação ideológica permanente, que reproduz valores que mantêm uma divisão social do trabalho, com efeitos e produção de sintomas, que vão desde a submissão servil até a desvalorização do potencial real pessoal e de trabalho na vida do formigueiro, com um grande instituído : não se pode mudar nada. Lidera seu grupo de gafanhotos da mesma maneira.
- Os artistas circenses: estão engajados em um circo de baixa qualidade, cujo proprietário é uma pulga chamada PT. São despedidos após uma desastrosa apresentação, migram para a cidade e se reúnem em um bar (fato bastante comum na vida real), onde encontram Flik. Por uma distorção de comunicação e por mera casualidade são interpretados como guerreiros e viajam para o formigueiro.

Esta história foi analisada pelo PAM com base, principalmente, nos seguintes conceitos: inconsciente, desejo, sintoma, papel, tele, espontaneidade, criatividade, instituído, instituição, ideologia. Estes e outros conceitos são explicados na parte de referenciais teóricos da *home page* do grupo.

No institucionalismo, configura-se o campo de análise e o campo de intervenção. Como se trata de uma história, ela se presta para o primeiro campo.

Mas, quanto ao segundo, é uma boa ilustração de como o PAM utiliza seus referenciais em suas intervenções no campo de análise.

Vale ainda dizer que muitos sujeitos atuam de forma institucionalista sem serem conclamados para tal. É o caso de Flik : tem uma concepção institucionalista de vida e de

mundo, age nos grupos e nos seus vínculos intersubjetivos de forma a poder disparar análises e processos instituintes.

2. ANALISADORES CONSTRUÍDOS A PARTIR DE CENAS EMERGENTES

2.1. A Folha

Quando a folha caiu sobre a fila perfeitamente ordenada de formigas, ficou evidenciada a falta de autonomia e a conserva cultural sobre o fazer e o trabalhar, presentes naquela organização.

O grupo foi atravessado por um imprevisto. A conserva cultural e o instituído não permitiam nenhuma forma diferente de fazer as coisas, ou seja, havia uma rigidez na percepção e nos papéis desempenhados, que exigiam das formigas que a rotina sempre fosse seguida, sem a concessão de saídas criativas diante de imprevistos ou de novas necessidades. Foi institucionalizado que não era possível pensar ou criar e, assim, a posição passiva assumida frente aos gafanhotos não poderia ser mudada. Desta forma, mantinha-se a opressão por eles imposta, mas se evitava que o formigueiro enfrentasse sua angústia: o desejo e a necessidade de mudar a serventia a eles.

A serenidade para continuar o trabalho não partiu do grupo envolvido na tarefa, pois este ficou totalmente paralisado. A reorganização da fila, para que a produção voltasse ao normal, partiu de um sujeito, encarregado de direcionar o comportamento dos demais, considerado superior e mais inteligente.

A paralisação frente à folha que caiu (elemento imprevisível) evidenciou uma total falta de autogestão do grupo para administrar os elementos atravessadores da organização.

Em um contexto tão rígido é de se esperar que a expressão dos desejos encontre muitas dificuldades.

2.2. Treinamento de Atta feito pela mãe para torná-la rainha.

Uma boa maneira de se manter uma cultura, um instituído, sem processos instituintes que possam levar a novas criações, é conservando-se os papéis desempenhados dentro de regras institucionalizadas.

A rainha treinava a filha Atta para ocupar seu cargo sem modificações, sem autonomia. Atta obedecia, repetindo o modelo da mãe, mas evidenciava um conflito, uma inconformidade, um sintoma: não se sentia capaz, manifestava grande tensão e medo de errar.

Quanto mais rígidos e autoritários forem os modelos instituídos em um grupo e em uma cultura, maior a tensão e a chance de erro. Dessa forma, dificulta-se a manifestação da espontaneidade, das relações télicas e das elaborações simbólicas.

2.3. Rejeição à invenção de Flik (a colheitadeira)

O desejo de liberdade enquanto grupo, ainda estava recalcado, pois as formigas pensavam na maximização do tempo para melhorar a produtividade e continuar servindo aos gafanhotos, e não para libertá-las da opressão por eles imposta.

Flik representava uma nova geração, potencialmente empreendedora e com uma insinuação do desejo de liberdade e mudança. Era muito implicado na organização, preocupava-se com o coletivo acima de si próprio, além de ser responsável e criativo. Sua criatividade evidencia que não era dominado pela conserva cultural, o que o tornava proativo.

A invenção de Flik abriu um processo instituinte. O grupo totalmente passivo em relação ao instituído, não aceitava o invento, mesmo que lhe trouxesse benefícios à produção, pois tinham dificuldades em lidar com o novo. Acreditava na segurança que a conserva cultural lhes proporcionava e, portanto, recalcavam seu desejo de liberdade. Esta suposta

segurança pode ser considerada uma defesa frente à verdade a ser encarada: a opressão dos gafanhotos e o evitar do enfrentamento com os mesmos que dispara a angústia.

Assim, a conserva cultural ajuda a manter o instituído que, por sua vez, constrói papéis desempenhados na organização Formigueiro em um estilo de instituição mecanicista. Reprime-se, assim, a espontaneidade que poderia trazer novas criações e soluções.

Apesar de sua capacidade de enxergar adiante e de colaborar para um melhor desempenho da colheita, Flik era retratado como um indivíduo atrapalhado e confuso, uma verdadeira ameaça à estabilidade da organização.

2.4. Tempo

Em vários momentos o tempo pode ser considerado como um analisador. Na cena da folha -comentada no item 1- as formigas demonstravam dois sintomas - medo e insegurança - pois estavam preocupadas com a organização da fila para que o tempo não fosse desperdiçado, pois qualquer atraso implicaria em alguma punição imputada pelos gafanhotos que poderia levar à destruição do formigueiro.

Uma cena que reflete o estilo da Administração Clássica, com foco na produção, é a que mostra a princesa preocupada com uma falha na fila. Atta estava sendo preparada para suceder à rainha mãe, e assim mantinha uma filosofia positivista, um estilo de produção mecanicista e fisiologista. Esse modelo de produção instituído criava sintomas de insegurança diante de situações novas e inesperadas, impedindo qualquer saída inovadora, e assim, restando ao desejo, reprimir-se e produzir sintomas. Atta tinha dificuldade em saber o que fazer, recorrendo sempre à mãe.

Flik, integrante do grupo, como já comentado anteriormente, era muito implicado e foi também atravessado pelo modelo instituído: era otimista, porém atrapalhado, com uma tele prejudicada e portanto não percebia que era rejeitado pelo grupo, o que disparou sua angústia. Como Hopper representava o poder institucionalizado que devia ser obedecido no formigueiro, o grupo optou pelo modelo centralizado de liderança em detrimento da abordagem focada nas pessoas (autogestão) e no desejo. Quando o formigueiro falha na oferta, para não gerar desobediência e perda de controle dos sujeitos e do grupo, Hopper determinou que até o final do verão as formigas deveriam colher em dobro o alimento para lhes ofertar, o que evidencia, novamente, o analisador tempo (tempo X produção).

2.5. Perda da colheita, chegada dos gafanhotos

Após a chegada de Hopper, as formigas sentiram-se totalmente ameaçadas, com medo e também surpresas com a descida dos gafanhotos ao formigueiro, pois a rotina por eles seguida era pegar a colheita e partir logo em seguida. Quando perceberam que Flik era o responsável pela perda de toda a colheita, entraram em desespero.

Os gafanhotos valeram-se da opressão e da ameaça para manter o instituído de que as formigas trabalhavam para alimentar os gafanhotos, mesmo que soubessem que a colheita havia sido perdida por um acidente. A intenção era manter a superioridade e o domínio supostamente natural dos gafanhotos.

Assim que os gafanhotos se foram, Flik foi julgado e teve a idéia de sair da ilha em busca de ajuda de outros insetos para combater os opressores. Como Flik era considerado um incômodo, foi permitida sua saída para a cidade, embora nenhuma formiga até então houvesse saído da ilha. Mais uma vez ficou demonstrada a conserva cultural em que aquela organização estava embebida, pois a torcida para que ele não voltasse mais ao formigueiro mostra a que ponto chegam a angústia e as resistências para não encarar algo novo. Isto explica a rejeição à Flik.

A perda da colheita aconteceu em um momento de muita tensão e cansaço. Este momento favoreceu a manifestação de um desejo de Flik, sob a forma de ato falho motor,

com o sentido ocultado nos escolhos do recalque: “vamos jogar tudo isto fora” porque ele desejava uma mudança, mas não conseguia e assim, revelou o desejo de se ver livre do que atrapalhava o grupo. Flik acabara de ver sua invenção rejeitada e percebia inconscientemente as dificuldades do grupo.

Continuava, assim, o instituído permanente na vida do formigueiro.

2.6. Saída de Flik do formigueiro em busca de ajuda

Flik, o único membro do formigueiro que tivera ousadia de sair dos limites da Ilha onde vivia, foi em busca dos insetos fortes e destemidos que derrotariam os gafanhotos.

Ele não se abateu, mesmo sabendo que as formigas apostavam em seu fracasso e até mesmo em sua morte. Seguiu em frente pois ele e Dot, acreditavam no sucesso daquela missão.

Em nenhum momento percebeu que o motivo principal de ser enviado para a cidade era que saísse do caminho e permitisse ao formigueiro o cumprimento da meta imposta pelos gafanhotos. A demanda aparente (manifesta) é a busca de ajuda e o encargo recebido (demanda latente que necessita ser explicitada através de análise) é de se ver livre daquilo que julgam um incômodo. Flik é o depositário deste vínculo no grupo, um bode expiatório.

A única intenção era manter o que estava instituído, mesmo que para isso tivessem que exilar Flik, membro do formigueiro, uma vez que ele não estava alinhado com o pensamento ideológico dominante no grupo. Quando um sujeito questiona ou se desvia dos valores dominantes e concebidos como naturais em um grupo ou Instituição, podem ser acionados mecanismos de rejeição e discriminação sobre aquela pessoa.

Sua presença e aceitação pelo grupo implicariam em mudanças institucionais para as quais as formigas teriam que enfrentar conteúdos recalçados e questões fortemente instituídas, como já foram descritas nos itens 1 a 3.

Flik não percebia que era discriminado pelo grupo e recalrava seu desejo, gerando sintomas, tais como sua ingenuidade e a perturbação motora que explicaria a queda da colheita da Pedra da Oferenda.

Devido ao seu empreendedorismo, saiu em busca de ajuda fora da ilha das formigas, insinuando um movimento de quebra de paradigma, mas este, na verdade, depende de processos instituintes mais amplos. Fatos como estes são capítulos dos processos grupais e instituintes.

A saída do Flik representava seu rompimento com a ordem vigente e a busca de novas criações. Essa busca por novas soluções mostrou o papel de um sujeito que não estava preso às conservas culturais. Contudo havia um preço a ser pago por isso.

2.7. Potencial dos artistas X contexto do circo

O Circo de Pulgas do PT, cuja platéia era composta quase que exclusivamente por moscas, localizava-se em um terreno baldio e sujo, onde predominava o mau cheiro.

Os artistas que se apresentavam eram desorganizados, desatentos e não agradavam à platéia nem ao dono do circo, a pulga PT, que os explorava e os insultava constantemente.

Após uma apresentação desastrosa em que queimaram a pulga PT, em um número que supostamente seria espetacular, não fosse um incidente que acarretou uma desorganização e um descuido dos artistas, a trupe foi dispensada.

Na verdade, o fracasso dos artistas foi aparente. Eles tinham potencial, embora não fosse reconhecido devido ao descompasso entre o contexto onde se apresentavam e sua capacidade artística. O perfil do grupo não se adaptava àquela platéia, que os via como fracós.

2.8. Convite de Flik aos insetos guerreiros

Ao chegar na metrópole, Flik, que houvera partido em busca de ajuda, ficou maravilhado com tudo que viu. Afinal, era a primeira vez que um membro do formigueiro saía da Ilha das Formigas.

Entrou em um bar, totalmente determinado a encontrar os guerreiros que enfrentariam Hopper e seus comandados e, por coincidência e casualidade, assiste a uma encenação dos insetos-artistas expulsos do Circo de Pulgas do PT. Eles representavam bravamente personagens guerreiros da Floresta de *Sherwood*, que afugentavam as moscas que os ridicularizaram no circo, como uma forma lúdica de suposta vingança a elas.

Diante da cena a que assistiu, Flik ficou muito entusiasmado e convidou a trupe para a “missão”, afinal estava na presença dos guerreiros mais destemidos que houvera conhecido até então. O convite foi aceito pelos artistas que na verdade entenderam que haviam sido escolhidos por um caça-talento. A partida para a Ilha das Formigas foi imediata, pois desejavam uma chance em outro contexto e fugir da encrenca com as moscas.

Foi uma situação em que as duas partes envolvidas - Flik e os artistas - ouviram e viram o que desejaram ouvir e ver.

2.9. Festa pela chegada dos insetos guerreiros

A primeira reação do formigueiro foi de pânico mas, quase que imediatamente, as formigas passaram da perplexidade à curiosidade e acabaram por festejar a chegada dos insetos guerreiros. Vislumbravam nessa chegada uma possibilidade de ajuda frente à opressão dos gafanhotos, mas com transferência da responsabilidade para os artistas, sem qualquer implicação delas no processo.

Ocorreu nesse momento uma quebra de rotina, um inusitado, não se constituindo ainda, uma mudança institucional, mas que poderia disparar ações para a mudança do que estava instituído: o grupo se sentiu esperançoso, pois viu naquela chegada a possibilidade de estarem sendo protegidos dos opressores. Isto provocou a liberação do prazer e o grupo comemorou e se divertiu na festa organizada. Parecia ser outro grupo, talvez o que estivesse latente e que não podia se manifestar devido às conservas culturais, que provocavam paradigmas sustentados pela opressão e pela prisão psíquica imposta aos sujeitos.

As formigas trabalhavam sempre de forma altruísta, para sua comunidade, em prol do bem-estar dos gafanhotos e da manutenção de uma ideologia totalitária, equivocadamente natural, evitando assim que fossem massacradas. Vêem neste inesperado momento a possibilidade de proteção, mas sem reconhecer a sua própria força, nem sua implicação como sujeitos em um processo transformador.

A força, o poder e a esperança estavam depositados no outro, mas mesmo assim não se furtaram de desfrutar daquele momento com prazer, tão ausente até então.

Observou-se que foi necessário que alguém de fora do formigueiro (os insetos circenses guerreiros) lhes apontasse possibilidades. Este, então, seria o papel e a função desempenhados pela intervenção institucional: apontar, mover os lugares e papéis instituídos, através da ação e da interpretação, buscando uma implicação do sujeito com seu grupo e sua tarefa, enfim, uma análise da instituição que move a organização, possibilitando a construção de uma ética comum de trabalho.

O desejo de autonomia em lidar com a agressividade continuava recalcado, encobertos pela ilusão de que alguma coisa meio divina pudesse acontecer, embora, uma iniciativa tenha se manifestado que poderia até oferecer processos espontâneos que auxiliassem a construir novas saídas.

2.10. Salvamento de Dot

Quando os insetos circenses perceberam a verdadeira razão de sua presença – consequência da apresentação teatral organizada pelas crianças, ocasião em que foi exposta a ameaça sofrida pelo formigueiro - tentaram ir embora.

A princesa Atta ao perceber algo estranho no comportamento dos insetos, falou à rainha-mãe que “Flik havia aprontado algo”. Dot, que havia seguido Flik, caiu acidentalmente em um abismo e foi salva por um dos membros da trupe. A movimentação do salvamento despertou a atenção de um pássaro que passou, então, a atacar Dot, Flik e os insetos circenses. Para livrar-se do pássaro, Flik e a trupe desenvolveram um verdadeiro trabalho de equipe, com um planejamento totalmente espontâneo e muito criativo, em que houve grande envolvimento de todos. Percebeu-se que a ética os impediu de abandonar Flik e Dot. A emergência das circunstâncias desencadeou ações criativas e espontâneas e o sucesso da operação foi inevitável.

Os resultados sempre são melhores quando há ética no trabalho porque suscita envolvimento e implicação das pessoas com a tarefa.

A princesa Atta, a rainha-mãe e todo o formigueiro testemunharam a ação de uma verdadeira equipe de salvamento e não a fuga dos insetos da Ilha das Formigas, conforme supunha Atta. O desejo de proteção do formigueiro fez com que enxergassem os insetos circenses como verdadeiros heróis.

A trupe deleitou-se com os aplausos recebidos, afinal haviam conseguido o tão esperado reconhecimento.

2.11. Construção do pássaro

Ao ouvir a Princesa Atta dizer que Hopper tinha medo de pássaros, Flik propôs às formigas a construção de um pássaro.

Começou, então um trabalho motivado por um ideal comum, diferente das tradições. Atta assume verdadeiramente seu papel no grupo, ou seja, o seu próprio estilo, em contraste com o até então instituído e desempenhado pela rainha, demonstrando um modelo de liderança construtiva e uma gestão personalizada, e passou a valorizar o grupo, o que acarretou em implicação de todos na realização da tarefa. O trabalho foi realizado de forma prazerosa e organizada. A autoconfiança foi resgatada e o desejo de mudança, até então recalcado, surgiu no formigueiro, potencializando o planejamento estratégico da tarefa, e assim o trabalho pôde ser realizado.

A construção do pássaro foi, na verdade, a reconstrução do formigueiro e contou com a ajuda de um segundo grupo, os insetos-circenses-guerreiros. Esta tarefa permitiu que ambos os grupos recuperassem a auto-estima e a segurança perdidas.

A espontaneidade permitiu uma implicação dos mesmos na realização da tarefa, de forma horizontal e autogestora.

2.12. Expulsão de Flik

Após ter andado por vários formigueiros à procura de sua trupe, para dar continuidade à apresentação do espetáculo: “Fogo da Morte”, a pulga PT finalmente chegou ao formigueiro da Princesa Atta. Os artistas circenses ao perceberem sua presença, tentaram, em vão se esconder, mas foram descobertos. Assim todos ficaram conhecendo a verdadeira atividade dos supostos guerreiros. Atta e a rainhamãe, sentiram-se traídas ao perceberem que tudo não passava de uma grande mentira e expulsaram Flik e a trupe do formigueiro.

Flik, cujo único desejo era proteger o formigueiro, sentiu-se derrotado ao ver seu plano cair por terra. Assim, tristemente, deixa o formigueiro junto com os artistas. A princesa Dot, inconformada com a expulsão de Flik, tentou consolá-lo, mas foi impedida pela rainha-mãe.

A Princesa Atta e a rainha, movidas pela decepção, lançaram mão das regras instituídas, embora a iniciativa da expulsão tenha partido de Atta, que se tornava cada vez mais independente em relação à mãe. A angústia impediu que o grupo avaliasse melhor a situação de forma a encontrar uma aplicação para o pássaro construído. Não reconheceram a própria obra e nem tampouco o caminho percorrido. O medo, desta maneira, voltou a imperar. A punição à Flik resgatou o instituído no formigueiro.

2.13. Dot busca Flik de volta.

Flik ficou muito deprimido por ter sido responsabilizado pela farsa montada no formigueiro, e evidenciou um sintoma de culpa, por sentir-se mais uma vez um perdedor. Dot, ao ouvir que sua mãe, a rainha, seria morta saiu em busca da ajuda de Flik. Inicialmente, ao ouvir o pedido, ele insinuou uma reação positiva que foi logo substituída pela tristeza do sintoma de culpa que o havia possuído.

A falta de reconhecimento de seu feito desencadeou, em Flik, um processo de depressão. Contudo, os artistas circenses tentaram resgatar sua auto-estima através do relato de seus feitos, fruto de suas idéias geniais, que foram de extrema importância para eles e para todo o formigueiro, em uma tentativa de ajudá-lo a superar o estado em que se encontrava. O grupo circense trabalhou com horizontalidade nesta tarefa.

Como não houve reação de Flik, Dot entregou-lhe uma pedra, exatamente como ele fizera com ela no passado. Dot quis mostrar-lhe que os ensinamentos transmitidos foram absorvidos: “as coisas têm seu tempo para acontecer e é mister ter sabedoria para esperar e agir”.

Dot resgatou, assim, da história, uma questão que abriu o inconsciente de Flik, o desejo de realizar as coisas com coragem, de forma altruística, característica da subjetividade de Flik.

2.14. Reação do formigueiro e enfrentamento a Hopper

Os gafanhotos tentaram manter o instituído, ou seja, a submissão das formigas a eles quando retornaram ao formigueiro, pois Hopper reconheceu que caso o formigueiro se unisse, sua dominação estaria ameaçada.

Flik e os artistas retornaram ao formigueiro e encenaram uma apresentação circense para distrair os gafanhotos enquanto a rainha-mãe era resgatada e o pássaro construído entrava em ação.

Neste momento Flik interpreta o processo instituinte da dominação, que rompe com o instituído, fato que traz à tona o que estava latente na organização: sua valorização, os lugares de direito, sua propriedade e posse do objeto de seu trabalho (a colheita), a força do grupo, a liberdade e a aceitação das novas tecnologias propostas por ele.

A ruptura do instituído trouxe prazer no trabalhar, relaxamento e alegria para o grupo, porque finalmente os sujeitos deste grupo se reconheceram no seu objeto de trabalho, o que desencadeou uma maior implicação e conseqüentemente fez surgir uma ética comum.

2.15. Formas de liderança e gerações

Há três tipos de liderança que podemos destacar nesta história. A primeira, a de Hopper, autoritária, manipuladora e perversa. Percebe bem como o outro é, antecipa seus passos e prevê conseqüências e efeitos grupais que nem as formigas reconhecem, inicialmente, nelas próprias. Não há ética nessa direção, mas sim, a satisfação de um líder autocrático que comanda utilizando-se da instalação do medo e da opressão sobre os sujeitos, para atingir benefícios próprios. Trabalha, constantemente, com a inculcação da ideologia dominante que justifica uma divisão social do trabalho.

Um outro tipo de liderança revela-se na formiga rainha. Há respeito por obediência, por moralidade e por respeito às tradições, mas sem reflexão. Ela escolhe sua filha Atta para ser sua sucessora, não apenas no cargo, mas também, no estilo, o que mantém o instituído. A escolha de Atta como sucessora e com identificação à mãe, deixa Dot livre para ser ela mesma, revelando mais inquietude e menos acomodação, com conseqüente valorização e segurança para enfrentar situações.

O fato de Atta ser a sucessora a coloca diante de um entendimento que deverá seguir os mesmos passos da mãe, impedindo-a de refletir quem é ela mesma e gerir seu próprio estilo de liderar. Por todas as situações com conseqüentes modificações no grupo, Atta assume, posteriormente, uma posição mais próxima de uma autogestão com coragem e autonomia suficientes para ser a porta voz do grupo em situações difíceis que necessitavam de um analista do grupo: “as formigas colhem, as formigas ficam com a comida e os gafanhotos voam”, o que abre processos instituintes indispensáveis para uma vida salutar, criativa e digna do grupo.

2.16. Cena final: O formigueiro trabalha em outros parâmetros. A passagem da coroa para Atta.

Após a derrota dos gafanhotos, a Princesa Atta agradeceu à trupe por ter conseguido trazer a esperança, a dignidade e a vida ao formigueiro que voltou a trabalhar harmoniosamente e em um clima de vibração. A rainha-mãe passou à Princesa Atta a coroa e esta, por sua vez, transferiu à Dot a tiara de princesa, em um clima de festa, harmonia e descontração.

O grupo pôde resgatar sua autonomia e dignidade. A cena da colheita de grãos, com máquinas modernas, evidencia o atual perfil empreendedor do formigueiro que estava mais livre, espontâneo e criativo.

Paradigmas e preconceitos foram superados. Isto só foi possível porque Flik trabalhou como analista do grupo, sem que o percebesse. Inconscientemente sabia da demanda do grupo e apontava-a. Processos analíticos e instituintes se estabeleceram, atravessando o grupo e permitindo que a organização se transformasse e se reorganizasse em uma nova instituição. Sintomas foram elaborados graças à descoberta do sentido recalcado do desejo: a mudança e a autonomia com ética. Valorizaram-se e permitiram-se desempenhar seus papéis como sujeitos e trabalhadores de um grupo de forma mais implicada, com menos resistência e menos mal estar.

O funcionamento grupal tornou-se mais horizontalizado, e os lugares de trabalho foram ocupados mais pela potência do trabalho do que pela hierarquia e pelo mando.

A análise desta história revelou as possibilidades que uma instituição, sob a análise institucional, tem de disparar processos de organização, planejamento e logística quando são trabalhadas as questões que impedem que a organização perceba suas demandas, ouvindo os sujeitos, respeitando-os, mas, principalmente, levando algo a mais do que as intervenções puramente técnicas ou superficiais, que apontam apenas o que tem de ser feito.

Quando se intervém desenvolvendo ações a partir das próprias equipes, os efeitos que ficam nas relações de trabalho, entre o sujeito e sua equipe e entre os integrantes da equipe, são mais permanentes porque novas relações com o trabalho ficam construídas por uma ética comum e não por questões pessoais ou técnicas.

3. REFERÊNCIAS:

- 1) BAREMBLITT, G. *Compêndio de análise institucional e outras correntes: teoria e prática*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1994.
- 2) _____. *Grupo: Teoria e Técnica*, Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- 3) BORGES, L. H. *Sociabilidade, sofrimento psíquico e lesões por esforços repetitivos entre caixas bancários*. São Paulo: Fundacentro, 2002.
- 4) CARVALHO, A. V. ; SERAFIM, O. C.G. *Administração de recursos humanos*. São Paulo: Pioneira, 1993, v.1 e 2.
- 5) CHIAVENATO, I. *Gerenciando pessoas*. 3ª ed. São Paulo: 1992.
- 6) ECKHARDT, E. *A subjetividade na educação contemporânea: por quê, por quem, para quem?* Instituto de Ensino Superior Prof. Nelson Abel de Almeida, Vitória: 1997.
- 7) _____. *Os processos grupais de aprendizagem: um vôo de liberdade*. 2000. 190f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2000.
- 12) FREUD, S. *Obras Completas*, Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- 8) GUATTARI, F. e ROLNIK, S. *Micropolítica. Cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1986.
- 9) KAËS, R. *A instituição e as instituições: estudos psicanalíticos*, São Paulo: Casa do Psicólogo, 1991.
- 11) LACAN, J. M. *O Seminário, livro 4*, Rio de Janeiro: Zahar, 1995.
- 12) LAPASSADE, G. *Grupo, organizações e instituições*, Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.
- 13) LOSICER in DAVEL, E. e VASCONCELOS, J. orgs. *'Recursos' humanos e subjetividade*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- 14) MONTEIRO, R.F. *Jogos dramáticos*. 3ª ed., São Paulo: Ágora, 1994.
- 15) MOSCOVICI, F. *Desenvolvimento interpessoal*. 2ª ed., Rio de Janeiro: Livros Técnicos e científicos, 1983.
- 16) MORENO, J. L. *Equipes que dão certo*. Rio de Janeiro: Livros técnicos e científicos, 1994.
- 17) _____. *Fundamentos de la sociometria*. 2º ed., Buenos Aires: Paidós, 1972.
- 18) _____. *Psicodrama*. 2º ed., São Paulo: Cultrix, 1978.
- 19) PRATES, T. M. A. *Análise Institucional e interdisciplinaridade*. In *A Extensão da Saúde Mental*. Vitória: EDUFES. (no prelo).
- 20) REVISTA DA CULTURA. *Relações interpessoais e o dançar em grupo*. Fundação Ceciliano Abel de Almeida, Tânia M. A. Prates, Ana Maria S. Girão e Eneida von Eckhardt. n.º 46, ano XVI, pág. 53-64, 1991.
- 21) RICOTTA, L. C. A. (org.) *Psicodrama nas instituições*, São Paulo: Ágora, 1990.
- 22) ROMAÑA, M.A. *Psicodrama pedagógico*. 2º ed., Campinas: Papirus, 1897.
- 23) _____. *A construção coletiva do conhecimento através do Psicodrama*. Campinas: Papirus, 1992.
- 24) SAIDON, O. *Práticas Grupais*, Rio de Janeiro: Campus, 1983.
- 25) VIDA DE INSETO. Direção: John Lasseter. Co-direção: Andrew Stanton. Produção: Darla K. Anderson e Kevin Reher. Animação: Andrew Stanton e Donald McEnery & Bob Shaw. Cor, dublado, EUA, Walt Disney & Pixar, 1997. 1 bobina (102 min). 35mm.
- 26) WOOD, J. K. et alii. *A abordagem centrada na pessoa*. 3ª ed., Vitória: EDUFES, 1997.